EM TORNO DA ABOLIÇÃO

Posso affirmar, com segurança documental, que o Exm.º Sr. Dr. Justiniano de Serpa assignou a acta inaugural do «Centro Abolicionista» e todos quantos assignaram foram considerados, como é praxe consagrada, socios fundadores.

Ainda mais. Foi até um dos votados para a respectiva Directoria. Nos archivos do meu distincto amigo, Barão de Studart, que presentemente não se acha aqui, encontra-se a prova authentica e incontrastavel do que acabo de dizer. O mesmo Barão de Studart, em resposta ao Sr. Rodolpho Theophilo, em artigo publicado no «Correio do Ceará», não esqueceu o nome do Dr. Justiniano de Serpa na fundação do referido «Centro», tão malsinado por uma falsa concepção das coisas.

A verdade historica não distingue ninguem, por mais elevada que seja a sua posição social, quando levanta a sua voz imparcial e potente para exprimir um facto ou um acontecimento qualquer.

Não vê homens, vê apenas as coisas que se passaram e devem ser narradas, como licções ou ensinamentos, sem que seja preciso envolvêl-as em aureolas ou circumdal-as com corôas de espinhos.

Convém declarar solemnemente que o «Centro Abolicionista» não foi creado, por espirito de antagonismo com a «Libertadora Cearense». Os fins objectivados eram os mesmos, divergiam apenas os meios. As correntes encaminhavam-se para o mesmo mar da liberdade, é certo. Uma limpida, deslizando-se, suavemente,

no seu alveo, sem rumores, tranquilla e mansa, na doçura hyalina e transparente do seu crystal iriante; a outra torva, precipitando-se caudalosamente, em fervidos borbotões, despenhando-se em catadupas. Uma fecundava; a outra inundava. Ambas, «Centro» e «Libertadora», queriam chegar ao mesmo alvo, não ha duvida. Uma, marchava em massa, de columnas cerradas, como as legiões romanas; a outra, em passos firmes e seguros, vagarosos e ponderados, que não provocassem o cansaço e a fadiga, como viandantes certos do termo da jornada, sem o perigo das miragens.

A guerra á escravidão era uma só. Variavam as hostes, as estrategias e os instrumentos d'ataque.

Não eram forças antagonicas, em lucta aberta e renhida, não existia um fundo antinomico. Todos procuravam a terra promettida, contemplando-a do Nebo de suas aspirações e anhelos.

Figuremos o escravo como um individuo, que tem um grilhão na perna. E' necessario retirar o grilhão. Um procura fazê-lo empregando uma lima para parti-lo lentamente e com cuidado; o outro procura arrancá-lo com violencia, com a força de puxões. O primeiro tem toda a probabilidade de obter o quebramento sem prejudicar e nem ferir o individuo; o segundo, desejando o seu fim, crore o risco de inutilisál-o, fracturando-lhe a perna.

Eis a differença entre o «Centro Abolicionista» e a «Libertadora Cearense».

O «Centro» queria a liberdade do escravo pela ordem juridica, pelo regimen de paz, pelos meios suasorios, pela persuasão affectiva e effectiva, pela palavra evangelica, pelo equilibrio das forças existentes e do porvir com os interesses creados e dominantes. A «Libertadora», ao contrario, a queria pelos meios revolucionarios, sem escolher armas na panoplia dos elementos tumultuarios, desconhecendo tudo e todos. Era um clarão rubro querendo ser a aurora—annunciadora do sol.

Uma questão de methodo, de processo, de indole e de temperamento.

Uma bôa cirurgia só se faz pela asepsia, pela hemostasia e pela anesthesia. Um cirurgião não se pode jamais confundir com um magarefe.

O «Centro» queria que a libertação fosse uma festa de concordia, uma symphonia de amôr, e não um producto da discordia, uma pocema selvagem; queria que todos os brasileiros, irmanados e confundidos n'uma união cordial, abrissem uma nova era, um cyclo aureo á luz do Cruzeiro do Sul, fazendo do nosso patriotismo um monumento perenne de grandeza moral. As cartas de liberdade, que elle conseguiu, contam-se por centenas, muitas centenas.

A «Libertadora», não se pode contestar, era um organismo forte, mas mal equilibrado, na pura expansão de uma super-actividade asynergica. Era um soberbo nucleo de acção indisciplinada, de orientação norteada por estimulos irreflectidos. Contava factores de alta valia, mas desviados de uma conveniente directriz.

Era muito decorativa, muito melodramatica e com muito pouca logica. Uma rebellião de Spartacus ás avessas.

A «Libertadora», não ha duvida, relevantissimos serviços prestou á causa da redempção dos captivos, á sombra da bandeira de guerra, que desfraldou a todos os ventos; mas entre o trigo de suas conquistas havia muito joio.

Salientaram-se individualidades pujantes e fremen-tes de enthusiasmo. José do Amaral foi a figura de maior destaque. Abnegado e intransigente, pode-se dizer, sem errar, constituiu o seu expoente maximo. Jámais consentiu que a causa que abraçou fosse maculada um só instante sequer por qualquer estigma ignominioso. Era um todo inamolgavel de renuncias batalhadoras. O seu pensamento, o seu conceito, o seu systhema, o seu programma, tudo nelle era um conjuncto homogeneo de forças. Não sabia o que era a

hesitação, só sabia o que era decisão. Era a acção, a acção, e a acção, como se ellas fossem audacias dantonicas.

Pedro Arthur de Vasconcellos, tão esquecido, foi o iniciador do movimento, José do Amaral foi a alma. O toque do clarim cabe ao primeiro, o commando das forças ao segundo. O primeiro levantou o grito, o segundo uniu fileiras.

Acudiram logo com o seu apoio e o seu applauso, para dar corpo a aspiração, diversas pessoas.

«No Ceará não embarcará mais escravo».

Era o lemma, o moto do novo labaro; e com elle somente seria vencida a escravidão.

Foi no intervallo da representação de um drama, do theatro São Luiz, que Pedro Arthur lembrou a necessidade do movimento e que se appellasse para os jangadeiros.

O sonho tornou-se realidade. E das brancas e pandas velas das jangadas, alcyones da liberdade, se fizeram bandeiras de combate.

A «Libertadora» era a agitação, nem sempre era a razão. O que havia de nobre, ás vezes, em seu sacrificio heroico, esbanjado era em exaltações e violencias incompativeis com a justiça e com o seu ideal. Cada um de seus actos era uma descarga de electricidade. Amava os terremotos, os vulcões, os cyclones, tudo o que podia subverter a face das coisas. Não ignorava que todos destroem e não edificam. Só causam ruinas e devastações. Os templos que se erguem sobre destroços e mortualhas não perduram. Outro deve ser o granito e a argamassa de seus alicerces, para que affronte as convulsões do tempo e realize o seu destino historico. A technica da sua estructura deve ser toda feita pelo bem, sem intervenção do mal, em seus menores resquicios.

A «Libertadora» era uma especie de *soviet* ou melhor uma carbonaria á portugueza, uma contrafacção da maçonaria. O juramento sobre punhaes era uma ceremonia pittoresca para não dizer burlesca. Pregava uma doutrina, que tinha um pouco do maximalismo

slavo e tambem um pouco do imperialismo czarista. O alfange de Mahomet e a espada de Brenno alliavam-se e impunham a crença e decidiam dos vencidos. Era a caverna de Eolo e o antro do Aventino do gigante da lenda mythica. Aterrava como um espectro e attrahia como um anjo de bondade. Eram vermelhos que faziam cabellos brancos. Era, em summa, um bom e bello ideal servido por más e feias paixões, de um radicalismo cruel. Um bando de campeadores em que havia algo de comediantes.

Não se póde, porém, desconhecer, por um só momento, que foi um factor poderosissimo da derrocada da escravidão. E' preciso render-lhe a devida justiça, que a Historia ha de proclamar sem cessar como um canto de grande epopéa.

Não ha interesse economico que sobrepuje o direito eterno, é certo; mas é tambem certo que a violencia não é meio de fazel-o respeitar e dominar. O dever moral manda ou determina que não combatamos o mal pelo mal. Os meios justificam os fins, é apophtegma condemnado. Se o direito é grande, o dever de servil-o do melhor modo é ainda maior.

E' preciso fazer a Historia do abolicionismo no Ceará. Precisamos examinar nos factos o que é inevitavel e profundo e o que é accidental e provisorio, no curso natural das coisas.

Historia não é um elemento plastico, para accommodar tal ou qual coisa, tal ou qual acontecimento, tal ou qual homem.

Não póde fazer-se de uma gehenna um Eden, nem de um Haceldama um Golgotha.

A Historia sabe condemnar, sabe fulminar, sabe tambem absolver e perdoar.

A Historia, pois, não tardará com o seu juizo final, separando os eleitos dos precitos. Já ouvimos, ainda que longinquamente, os clangores das trombetas convocando o supremo tribunal.

Fica assim refutada a local inserida hontem (13)

no «Diario do Ceará», concernente ao assumpto do presente artigo.

14—Out.—1920.

JULIO CESAR DA FONSECA FILHO.

NOTA—Este artigo não foi publicado na data precisamente enunciada e devida por motivo que não convém ser externado e não aproveita aos leitores e manuseadores da «Revista» e nem tão pouco aos pesquisadores de nossas coisas passadas. Uma nuga despicienda.